

## O PROGRAMA LER & ESCREVER E A PARTICIPAÇÃO DA UNIVERSIDADE COMUNITÁRIA

*Fabiana Pinto da Cunha*<sup>1</sup>

*Orientadoras: Vera Lúcia Catoto Dias*<sup>2</sup>, *Anamaria Gascón Oliveira*<sup>3</sup>

<sup>1</sup> Universidade do Vale do Paraíba – UNIVAP, Faculdade de Educação e Arte, FEA  
Campus Aquárius – Rua: Tertuliano Delphin Jr., 181, Jardim Aquárius, CEP 12242-080 – SJC, SP.

<sup>2,3</sup> Universidade do Vale do Paraíba, UNIVAP, Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento, IP&D  
Núcleo de Pesquisa Formação de Educadores, NUPEFE

Avenida: Shishima Hifumi, 2911, Campus Urbanova, CEP 12244 000, São José dos Campos, SP.

[fabiana\\_dacunha@yahoo.com.br](mailto:fabiana_dacunha@yahoo.com.br), [vcatot@univap.br](mailto:vcatot@univap.br); [gascon@univap.br](mailto:gascon@univap.br)

**Resumo:** O trabalho faz parte de um convênio firmado entre a Secretaria de Educação do Estado de São Paulo e a Universidade do Vale do Paraíba, no Programa Bolsa Alfabetização (Termo nº 54/0410/09/06) como pesquisa inicial para a elaboração do Trabalho de Conclusão do Curso de Pedagogia. O objetivo é investigar a implantação do Programa relacionando as orientações dos materiais pedagógicos com as práticas de alfabetização desenvolvidas no cotidiano da sala de aula. A metodologia utilizada é do tipo qualitativo com uso do estudo de caso, pela observação participante (ANDRÉ, 2001) durante o ano letivo de 2009. Os resultados apontaram para melhoria no desenvolvimento da competência leitora de alunos(as) em fase inicial de alfabetização e a importância da identidade do professor(a) regente como leitor(a) eficiente.

**Palavras-chave:** Programa Ler & Escrever, aluno-pesquisador, construção da língua escrita, escola pública, alfabetização inicial

**Área do Conhecimento:** Humanas/Educação

### Introdução

Historicamente a escola passou por transformações na compreensão sobre a aquisição da língua materna. Nos anos 70, buscava-se a causa do fracasso escolar; já na década de 80, com a influência da Psicogênese da Língua Escrita, E. Ferreiro e A. Teberosky (1984) propiciou a mudança de paradigma sobre a construção da língua escrita, deslocando o olhar de como se ensina, buscando a compreensão no como se aprende. O professor que antes ensinava para quem ia à escola e diagnosticava quem aprendia ou não, após os conhecimentos científicos resultantes da pesquisa, sobre a construção da língua escrita, mudou-se o enfoque e as estratégias didáticas, mostrando que o aluno deve saber ler e interpretar, ou seja; ser usuário competente da língua escrita com efetiva participação social.

Segundo Piaget (1992) o sujeito cognoscente é o sujeito do seu próprio conhecimento, e que cada um tem seu ritmo de aprendizagem, logo na aquisição da leitura e da escrita o aluno passa por níveis e depende das oportunidades de efetiva participação no universo letrado e assim vai atingir os níveis da escrita de diferentes maneiras.

Tem-se em Soares (2006) que no Brasil o legado do educador Paulo Freire, sobre a

concepção de alfabetização, centrou-se em sinalizar a dimensão “revolucionária” do letramento, ao afirmar que ser alfabetizado é tornar-se capaz de usar a leitura e a escrita como um meio de tomar consciência da realidade e de transformá-la.

Não basta ensinar a ler e escrever é preciso criar condições para que a criança possa fazer uso da leitura e da escrita, envolvendo-se em práticas sociais de leitura e escrita.

Estes conhecimentos a partir da publicação em cenário nacional dos documentos norteadores da educação (BRASIL, PCN, 1997), identificaram a instituição escola como espaço privilegiado de promoção da alfabetização, mas que esta deve considerar os conhecimentos que a criança traz de casa, como bagagem cultural socialmente construída pela inserção desde seu nascimento num mundo onde a leitura e a escrita fazem parte dela.

O processo de construção da língua escrita na escola brasileira ainda tem sido um desafio a ser superado pela história da educação no início do século XXI.

A proposta para o processo de aquisição da língua nos anos iniciais de escolaridade, atualmente para inserção de crianças aos seis anos de idade no ensino fundamental de nove anos é realidade na rede paulista de ensino desde 2007.

Concorda-se com Freire (1996) ao sinalizar para a dificuldade que a escola pública apresenta em atender as necessidades dos(as) alunos(as) das classes populares no processo de leitura e escrita.

A realidade dos descendentes das classes populares ganhou centralidade na discussão sobre metodologia de alfabetização que fosse ao encontro da realidade sócio-cultural, assim como da superação dos desafios de aprendizagem. Uma vez que se tem no material do Ler & Escrever em (SÃO PAULO, 2010, p. 30) que;

A maior expectativa de quem entra na 1ª série, como sabemos, é aprender a ler e a escrever, mas nem só de leitura e escrita vivem esses meninos.

A proposta deve alcançar a conscientização do homem sobre a necessidade da apropriação da escrita e da leitura, incoerente com o método tradicional centrado na cartilha como forma técnica de repetição, descontextualizada da realidade do(a) aluno(a), sendo uma das causas de desmotivação e desinteresse pela escola.

Assim considera-se a construção da língua como processo do ensino e aprendizagem, não mais centrado unicamente no(a) professor(a), mas sim de interação educador e educando, onde ambos assumem o protagonismo na alfabetização de sucesso. Como apontado por Freire (1996, p. 25);

Não há docência sem discência, as duas se explicam, e seus sujeitos, apesar das diferenças que os conotam, não se reduzem à condição de objeto, um do outro. Quem ensina aprende ao ensinar, e quem aprende ensina ao aprender.

A partir da orientação legal toda criança tem direito a educação de qualidade (BRASIL, LDBEN, 1996), as redes de ensino públicas garantem a implantação de propostas de alfabetização com o objetivo de superar os desafios nos anos iniciais de escolaridade.

No início do século XXI as propostas pedagógicas, de atendimento da criança nos anos iniciais de alfabetização, contemplam que a aprendizagem da criança começa desde o seu nascimento a partir de sua inserção social via instituição família, e esta traz consigo informações importantes para o seu desenvolvimento. É a partir dessas informações que se deve elaborar um trabalho pedagógico adequado, para contribuir na sistematização dos conhecimentos já construídos e dar continuidade à construção de novos conhecimentos, viabilizando o desenvolvimento cognitivo de sucesso.

Dentre as propostas encontra-se o Programa Ler & Escrever desenvolvido com a contribuição de educadores da Rede Municipal de ensi-

no da cidade de São Paulo com ênfase no aprendizado da leitura e da escrita logo no primeiro ano do ensino fundamental, e conta com uma estrutura pedagógica própria oferecendo capacitação aos professores, participação em sala de aula de jovens universitários, e materiais específicos para professores e alunos.

Em 2009, o Governo do Estado de São Paulo representado pela Secretaria de Educação de São Paulo, SEE/SP, firmou convênio com a Universidade do Vale do Paraíba, UNIVAP, para o Programa Bolsa Alfabetização (Termo nº 54/0410/09/06) na ampliação do Programa Ler & Escrever nas escolas da rede estadual no interior, mais especificamente em São José dos Campos.

O formato do Programa pressupõe a inserção do aluno-pesquisador em sala de aula junto com o professor regente, assim inicialmente foram selecionados alunos (as) do curso de Pedagogia e Letras da Faculdade de Educação e Artes (FEA), pela oferta de setenta (70) bolsas.

A SEE/SP desenvolveu três kits de material específico para o Programa, sendo dois destinados aos alunos. Um deles com um Livro de Texto, com vários tipos de textos: canções, adivinhas, poemas, parlendas, quadrinhas, histórias emocionantes, receitas, dentre outros.

Um material coletivo direcionado a cada sala das escolas participantes do Programa Ler & Escrever, constituído por caixa de plástico contendo quarenta (40) títulos de materiais paradidáticos, com histórias dos mais variados gêneros literários, que estimulam a curiosidade dos(as) alunos(as) para aprender a ler.

O acervo deverá ser rotativo, ou seja, cada sala de aula da unidade escolar ficará inicialmente com uma caixa diferente, e depois de um ou dois meses, as caixas devem passar por um rodízio.

O professor regente, também recebe um kit e um guia, que junto com o Caderno do Professor, o Livro de Textos do Aluno, a Coletânea de Atividades e o Guia de Estudo para o Horário de Trabalho Pedagógico Coletivo, formam um conjunto de matérias impressos, que servirão para articular a formação continuada dos professores.

As atividades para leitura e escrita propostas no material do professor(a) são voltadas para a análise e reflexão sobre o sistema de escrita.

As escolas que integram o Ler & Escrever também recebem assinaturas mensais das revistas: Recreio, Turma da Mônica, Turma da Mônica Jovem e Picolé

Como se tem em LIMA (1996) o desenvolvimento da criança pequena está relacionado com o mundo ao seu redor e se faz pela exploração de objetos que leva a boca, nesse momento significa ler do ponto de vista cognitivo. Pode-se dizer que as atividades das crianças são “leituras de experiência”, ou seja, quando ela leva

um objeto a boca, quando agarra, puxa e encaixa objetos, quando ouve e imita sons dentre outros, ela está LENDO o mundo que a cerca. Toda criança possui um esquema de assimilação conforme a sua etapa de desenvolvimento.

Nos primeiros anos é eminentemente sensorio-motor e simbólico, isto é, a riqueza das experiências que a criança realiza torna-se fundamental para o seu desenvolvimento cognitivo e, portanto, para a aprendizagem.

Concorda-se com Lima (1996, p. 23) ao sinalizar que; “A alfabetização deve ser entendida, pois, como um processo que se inicia com a criança pegando, ouvindo, combinando e experimentando objetos”. As vivências das crianças na instituição escola, tendo na formalidade das práticas educativas e na formação de profissionais competentes centram-se nos desafios para melhoria da qualidade dos anos iniciais de escolaridade.

O objetivo do trabalho é investigar a implantação do Programa relacionando as orientações dos materiais pedagógicos com as práticas de alfabetização desenvolvidas no cotidiano da sala de aula.

## **Metodologia**

Esta pesquisa é parte inicial do Trabalho de Conclusão do Curso de Pedagogia pela participação como aluna-pesquisadora no Programa Ler & Escrever, durante o ano letivo de 2009.

A metodologia utilizada é do tipo qualitativo com uso do estudo de caso pela observação participante (ANDRÉ, 2001) em uma escola localizada na região do Vale do Paraíba em uma sala de aula do 2º ano do Ciclo I, do Ensino Fundamental.

Os sujeitos são vinte e cinco (25) alunos(as) entre sete e oito anos de idade em fase inicial de alfabetização.

No roteiro para observação e coleta de dados foram consideradas as dimensões: a) leitura feita pelo professor regente; b) relação do texto lido e o desenvolvimento do(a) aluno(a); c) a qualidade da produção escrita a partir do conteúdo da leitura.

## **Resultados**

O ano letivo teve início com vinte e quatro alunos (24) egressos da Educação Infantil, com idade entre seis e sete anos, estes apresentavam intimidade com os livros, mesmo que ainda sem muito cuidado com estes. E uma (01) aluna recém chegada à escola.

Durante as atividades de leitura feita pelo professor regente observadas, verificou-se que

quando os textos eram muito extensos os alunos pouco se interessavam pela leitura realizada e não participavam das atividades propostas. Quando a atividade era realizada com textos conhecidos pelos alunos como: uma parlenda ou a letra de uma música infantil, os alunos acompanhavam a leitura e motivados relacionavam com a atividade de escrita proposta.

As atividades de reescrita coletiva a partir de um conto de fadas aconteciam tendo a professora regente como escriba, fazendo na lousa o registro da transcrição oral dos alunos, seguida de uma cópia elaborada individualmente pelos alunos.

Para a prática de leitura no coletivo as carteiras eram colocadas em círculo e cada criança recebia um mesmo exemplar do gibi da turma da Mônica. Definida a história a ser lida a professora iniciava a leitura em voz alta, sendo acompanhada pelos alunos.

No que se refere à produção de texto dos vinte e cinco alunos verificou-se que:

- Quinze alunos (15) elaboravam suas produções e encontravam-se na fase de escrita alfabética. Os textos elaborados tinham no máximo dez linhas e apresentavam erros ortográficos e de segmentação de escrita.

- Dois alunos (02) encontravam-se em fase de escrita silábica com valor sonoro. Eles escreviam uma letra para cada sílaba, mas com as letras que pertenciam à palavra referência.

- Três alunos (03) encontravam-se em fase de escrita silábica sem valor sonoro. Eles enfrentavam conflitos frente às hipóteses que orientam a construção da língua, em alguns momentos utilizavam uma letra para cada sílaba, em outros, utilizavam duas letras para cada sílaba, geralmente as letras utilizadas não pertenciam a palavra referência.

- Cinco alunos (05) encontravam-se em fase de escrita pré-silábica, isto é utilizavam letras e números para escrever, sem se preocuparem com a quantidade de códigos necessários para a escrita da palavra referência.

- Um (01) dos alunos repetia várias vezes a letra inicial do seu nome sem se preocupar com a palavra referência.

- O(a) aluno(a) que estava freqüentando a escola pela primeira vez, não considerava a escrita da palavra referência e copiava parte de palavras retiradas de cartazes fixados no quadro mural da sala de aula, para cumprir a atividade de escrita proposta pela professora.

Além das dimensões consideradas no roteiro de observação observou-se a relação entre os tipos de letras utilizados para leitura e para a escrita.

Os materiais utilizados para leitura apresentavam os textos com a letra de imprensa

maiúscula e minúscula, enquanto que nas atividades de escrita desenvolvidas em sala de aula a letra utilizada era a cursiva maiúscula e minúscula. Fato este gerador de dificuldade na prática de leitura e de escrita, uma vez que a referência na alfabetização era a letra de imprensa maiúscula.

## Discussão

Na sala de aula no momento da leitura feita pelo professor-regente, rotina diária desenvolvida no início da aula, a atividade foi prejudicada, pois seu objetivo deixou de ser pedagógica para suprir um espaço de espera dos alunos retardatários.

Nesse contexto mesmo os(as) acostumados com a prática de leitura feita pelo(a) professor(a) foram desmotivados pois a agitação da chegada de um novo colega comprometia a atenção para a leitura.

O tamanho do texto escolhido também influenciava na desmotivação dos alunos. Este fato foi explicitado quando a professor(a) identificou a relação entre tamanho do texto e interesse dos(as) alunos(as) com a leitura.

Deste modo passou a incluir no seu planejamento textos menores e de conhecimento dos(as) alunos(as), como também foi contemplada a dimensão pedagógica. O novo planejamento promoveu mudança considerável na participação efetiva dos alunos nas atividades de leitura.

A caixa de livros paradidáticos do acervo do Ler & Escrever, foi incluída ao ambiente alfabetizador e fez-se presente todos os dias em sala de aula, incentivando os(as) alunos(as) na escolha do próprio material de leitura.

Durante o período de observação constatou-se que os alunos tinham interesse pelo acervo do Ler & Escrever, mas não tinham nenhum cuidado com o material.

Frente ao fato foram planejadas atividades de conscientização sobre a preservação dos livros objetivando o mínimo de exemplares danificados.

A implantação da apresentação da rotina pedagógica para os(as) alunos(as) que é uma das orientações expressas no Programa tornou-se elemento facilitador na aprendizagem em sala de aula, uma vez que diminuiu a ansiedade dos alunos que sabiam quais eram as atividades previstas e passaram a sistematizar melhor o tempo didático para cada uma das atividades.

Em relação a construção da língua escrita observou-se que as propostas do Programa enfrentam desafios a serem superados, como em relação a coerência entre os tipos de letra para leitura e escrita, bem como desenvolvido de propostas efetivas na intervenção pedagógica

frente às hipóteses apresentadas pelos(as) alunos(as).

## Conclusão

Ao finalizar o trabalho percebeu-se pelos resultados obtidos durante a observação realizada no período da pesquisa, que cada criança estabeleceu seu próprio ritmo de aprendizagem e que o meio sócio-cultural em que vive tem grande influência na aprendizagem e alfabetização.

O acesso dos(as) alunos(as) da rede pública à primeira etapa da educação básica, educação infantil, tornou-se fator relevante na construção da língua escrita.

A leitura feita pelo(a) professor(a) regente contribuiu significativamente na ampliação do universo lingüístico dos(as) alunos(as), assim como atribui relação entre os diferentes portadores textuais e a identificação de cada um deles no desenvolvimento da competência leitora e nas produções de escrita.

A fluência da leitura como leitor eficiente é condição primordial na identidade do(a) professor(a) alfabetizador(a) para a inserção de leitores(as) e escritores inciantes, ou seja os(as) alunos(as) nos anos iniciais do ensino fundamental.

O acervo escolar utilizado para leitura feita pelo professor(a) regente tornou-se fundamental para práticas de leitura e escrita, assim como a coerência dos conteúdos dos títulos a faixa etária do(a) aluno(a) e seu desenvolvimento cognitivo.

Ênfase precisa ser dada a valorização dos materiais para leitura e sua conservação. Para alcançar esses objetivos tornou-se importante a organização do espaço e do tempo dedicado a prática pedagógica de leitura. Caso contrário os(as) alunos(as) não atribuirão significado e relação entre as práticas de leitura e de escrita.

## Referências

- ARANTES, M. O construtivismo e seus desdobramentos. Revista Nova Escola; Edição Especial. São Paulo/SP: Abril Editora, 2006.
- ANDRÉ. M. Etnografia na Prática Escolar. Campinas/SP: Papyrus, 2001.
- AZENHA, M. Construtivismo de Piaget a Emilia Ferreira. São Paulo/SP: Editora Ática, 1994.
- BRASIL, Parâmetro Curricular Nacional para o Ensino Fundamental. Volume da Língua Portuguesa. Ministério da Educação e Cultura. Brasília/DF: Gráfica do Senado, 1997.

- BRASIL, Lei de Diretrizes e bases da Educação, LDBEN, nº 9394. Brasília/DF: Gráfica do Senado, 1996.

- FREIRE, P. Pedagogia da autonomia. São Paulo/SP: Editora Cortez, 1996.

- FERREIRO, E. & TEBEROSKY, A. Psicogênese da Língua Escrita. Porto Alegre/RS: Artmed, 1984.

\_\_\_\_\_, Reflexões sobre alfabetização. São Paulo/SP: Editora Cortez, 1991.

LIMA, A. Fazer escola, Gestão de uma escola piagetiana. Petrópolis/RJ: Editora Vozes, 2003.

- LIMA, E. Desenvolvimento e aprendizagem na escola: aspectos culturais, neurológicos e psicológicos. São Paulo/SP: Grupo de estudo do desenvolvimento humano, 2006.

- SOARES, M. Letramento um tema em três gêneros. Belo Horizonte/MG. Autêntica, 2006.

- SÃO PAULO, Ler e Escrever. Guia de planejamento e orientações didáticas; professor alfabetizador – 1ª série/Secretaria da Educação. São Paulo/SP: FDE, 2009.